

COMO A RELVA CRESCE

Leto Ivo

Quem foi realmente José Lins do Rego? Foi o melhor escritor brasileiro do seu tempo — isto é, do nosso tempo. Levantou uma cordilheira de romances que existirá enquanto existirem o Brasil e a nossa língua. E quanto mais quisermos interrogar-nos a nós mesmos — aos nossos sonhos, aos nossos pesadelos, à nossa busca de identidade — mais será amado, admirado e estudado esse clássico que escreveu *Menino de Engenho*, *Bangüê* e *Fogo Morto*.

Que saudades sinto dele! Ao que no mundo é mais rotineiro e melancólico, José Lins do Rego opunha a sua generosidade de criador poderoso, a sua alegria e solidariedade humana. Esse neto de senhor de engenho trazia, tanto na obra como na vida, o emblema do povo. Por isso, por ter sabido desde menino observar o seu semelhante, fosse ele cassaco de engenho, morador dos mangues do Recife ou torcedor de futebol, José Lins do Rego foi o grande contador de histórias — das suas histórias pessoais e das histórias totais desse Nordeste onde nas noites de luar as cigarras cantam, pensando que é dia.

José Lins do Rego: a sua terra não era uma invenção de gabinete, um capricho de letrado. Era uma realidade viva, um sinal concreto do mundo. Era uma visão carnal e ardente, um universo musical, o tesouro guardado na memória. Senhor feudal do romance, ele trouxe para a literatura brasileira uma melodia jamais ouvida antes em língua portuguesa. O Nordeste inteiro, das terras gordas e

verdes dos canaviais às paisagens calcinadas dos cangaceiros, assumiu corpo e voz, som e imagem, em suas histórias, em suas histórias de Trancoço. Contudo, na espontaneidade de sua criação, na glória de seu destino providencial, tudo obedecia a uma ordem profunda, a um rigor íntimo como o dos rios que fluem e transbordam.

Fonte do nosso romance moderno, José Lins do Rego escrevia como a relva cresce — como Conrad disse de W. H. Hudson — sem esforço, sem procura, com uma soberba, sábia e matinal espontaneidade, com a riqueza e a invejável pletora das coisas naturais. E homem de estúdio, de porta-de-livraria, do meio da rua, da praça, das grandes efusões comunitárias, sua glória verdadeira e impercível alimentava uma irmã efêmera, que o fazia ser saudado reverentemente nas calçadas. Mas José Lins do Rego não ia atrás da popularidade. Era a popularidade que ia atrás dele. E não o corrompia nem o deformava.

O menino do Engenho Corredor, marcado pela falta do carinho materno, soube dar ao seu país e ao seu povo esse cáldo amor essencial que todavia lhe faltou nos verdes anos. E no seu romance, ainda úmido do orvalho da epopéia, vibram o fervor, a inocência e a arte de um escritor de gênio, que sempre será lido e amado.

Quantas histórias teria eu de contar sobre o homem José Lins do Rego — esse homem que foi um dos brasileiros mais povo, e até mais zé-povinho, que já houve entre nós — quando ele era vida, uma vida pletórica sempre temerosa da morte! Uma vez, foi à Suécia, com a seleção que disputava a Copa do Mundo. Ficou ao lado do rei, na disputa memorável. E quando um gol de Garrincha desmoralizou para sempre a teoria da superioridade racial dos vikings, ele se virou para Sua Majestade e lhe disse, no mais castiço português da Paraíba: “Seu rei, com o Brasil ninguém pode”.

Outra vez, pediu a Getúlio Vargas uma promoção em sua carreira de fiscal de imposto de consumo. O Presidente prometeu atendê-lo. Mas como o decreto não saía, ele enviou a Vargas o seu *Histórias da Velha Totônia*, uma coleção de contos da carochinha, com a seguinte dedicatória: “Ao Presidente Getúlio Vargas, lembrando-lhe que palavra de rei não volta atrás”. Dias depois, saía a promoção.

Uma manhã, o poeta Augusto Frederico Schmidt descobriu-o dentro de um loteação, espremido entre operários. Perguntou-lhe o que ir fazer tão cedo na cidade, e José Lins do Rego respondeu: “Nada”.

Era o prazer de viver e conviver que o colocava, em horas matinais, na

redação de *O Globo* — onde escrevia duas crônicas de uma só tacada, sendo uma esportiva — na porta da Livraria José Olympio e na Confeitaria Colombo da Rua Gonçalves Dias, onde costumava almoçar, cercado pelos cartolas do Flamengo. E quando ele passava pelo centro da cidade, a popularidade vinha ao encontro de seus olhos de míope, que usavam óculos grossos. Os barbeiros (naquele tempo havia muitas barbearias na Avenida Rio Branco) se curvavam respeitosamente à sua passagem. Sabiam que ali ia um dos grandes de Espanha da vida.

Um dia, um cidadão o deteve e pediu-lhe que autografasse *Fogo Morto* para a sua *senhõra*, grande admiradora de sua obra. E José Lins do Rego não se fez de rogado: “A Maria José, com o afetuoso abraço do Zé Lins”.

Sua glória era tanta que o inefável Aaulfo de Paiva, encontrando-se uma vez com ele, deu-lhe os parabéns. E como José Lins do Rego, sem aniversário à vista, não entendesse aquelas felicitações que pareciam soltas ao ar, Aaulfo lhe explicou, como quem ensina a uma criança: “Parabéns por tudo, Doutor José Lins”.

Após a sua morte, na madrugada de 12 de setembro de 1957, perdeu-se muito de alegria da vida literária carioca. Os macambúzios e irritados tomaram o lugar do homem que escreveu *Pedra Bonita*.

1. The first step is to identify the problem. This involves understanding the current situation and what needs to be achieved.

2. Next, it is important to set clear objectives. These should be specific, measurable, achievable, relevant, and time-bound.

3. Once objectives are set, the next step is to develop a plan. This involves identifying the resources needed and the steps to be taken.

4. Finally, it is essential to monitor progress and make adjustments as needed. This ensures that the plan remains effective and relevant.